



ÉTICA E ATITUDE FILOSÓFICA EM EPICTETO

Diogo da Luz
Doutorando - PUC-RS

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar como a ética proferida por Epicteto se relaciona com uma postura filosófica, mais precisamente com uma atitude filosófica. Essa atitude não é especificamente uma exigência prévia para pensar a ética filosoficamente, pois não se trata de tê-la para então começar a filosofar, mas trata-se da manifestação de autenticidade daquele que se diz filósofo, porque evidencia a real assimilação das opiniões e teorias que defende. Para Epicteto, o progresso do filósofo necessariamente está unido ao progresso no campo ético, sendo impossível desvinculá-los. Por entender a filosofia como um modo de vida, ele adverte para que a teoria seja sempre colocada em prática, estabelecendo assim o conhecido caráter ascético de seus ensinamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Epicteto. Atitude. Exercício. *Akēsis*.

ABSTRACT: The objective of this article is to demonstrate how the ethics pronounced by Epictetus relates to a philosophical stance, more precisely with a philosophical attitude. This attitude is not a prior requirement to think about ethics philosophically, since it is not a mandatory requirement to begin philosophizing, but it is the manifestation of authenticity of the one who calls himself a philosopher, because it shows the real assimilation of opinions and theories he advocates. For Epictetus, the progress of the philosopher is necessarily bound up with his progress in the field of ethics, and it is impossible to untie them. By understanding philosophy as a way of life, he warns so that the theory is always put into practice, thus establishing the well-known ascetic character of his teachings.

KEYWORDS: Ethics. Epictetus. Attitude. Exercise. *Akēsis*.

*Se aspiras à filosofia, prepara-te, a partir de agora – para quando te ridicularizarem; para quando rirem de ti; para quando indagarem: “Subitamente ele nos volta filósofo?” e “De onde vem essa gravidade no olhar?” Não adquiras tal gravidade no olhar, mas, como quem é designado a esse posto pela divindade, agarra-te às coisas que se mostram as melhores para ti. Lembra que, se te prenderes a essas mesmas coisas, os que primeiro rirem de ti depois te admirarão. Mas se te deixares vencer por eles, receberás as risadas em dobro. (EPICTETO. *Encheiridion*, XXII)¹*

De acordo com Epicteto, a sabedoria possui um caráter prático. Dessa forma, quem busca a sabedoria, como é o caso de quem se dedica à filosofia, busca uma prática sábia. Nisso, Epicteto, assim como os demais estoicos, se orienta pelo *logos* de Heráclito, que é entendido como “um conhecimento de onde nascem, ao mesmo tempo, ‘a palavra e a ação’”². Sendo assim, as palavras de quem filosofa não podem estar desvinculadas de suas próprias ações, sob o risco de serem desacreditadas. Esse é um ponto muito relevante para Epicteto, estando inclusive na fundamentação de sua defesa da serventia da filosofia, como será evidenciado mais adiante.

O mestre de Nicópolis relaciona a atividade filosófica aos âmbitos de ação do indivíduo, internalizando o processo filosófico, e mostra o papel das opiniões sobre as ações das quais se é responsável. Dessa forma, o aprimoramento no escrutínio das próprias opiniões conduz o sujeito a notar quais delas são melhores, possibilitando um progresso filosófico e, ao mesmo tempo, pessoal. Epicteto segue a tradição socrática de que o conhecimento conduz a uma vida melhor, porém aperfeiçoa esse legado por meio daquilo que ele julgava ter importância fundamental: o exercício.

O princípio da filosofia

Para Epicteto, o princípio da filosofia é “a percepção da própria debilidade e incapacidade com relação ao necessário”³. Ou seja, é a partir da consciência da própria fragilidade que o ser humano abre as portas para a filosofia. A inclinação ao conhecimento não ocorre por imposição ou por condicionamento, mas pela evidência da

¹ As citações do *Encheiridion* (Manual) são de tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien.

² JAEGER, 2003, p. 225.

³ EPICTETO. *Diatribes*, II, 11, 1. As citações dos livros II, III e IV das *Diatribes* (Discursos) de Epicteto são de tradução nossa; as citações do livro I são das traduções de Aldo Dinucci.

falta de habilidade em lidar com o que é preciso. Essa postura revela humildade, mas não se deve achar que é a partir da humildade que se abre o espaço para o caminho filosófico, pois é justamente o contrário, é a percepção da incapacidade que leva à humildade. O apelo de Epicteto segue a concepção cognitiva estoica, em que o conhecimento acerca das coisas determina o estado de espírito. É nesse sentido que ele observa: “‘Fiz bem’, ‘como devia’; ‘como não devia’; ‘tive boa sorte’; ‘tive má sorte’; ‘é justo’; ‘é injusto’. Quem de nós evita essas palavras”⁴? É interessante que o filósofo não apela a questões impessoalizadas, como alguém poderia fazer por mera especulação. Para Epicteto, o que torna evidente a necessidade de filosofar não é a curiosidade resultante de uma mera contemplação passiva das coisas, mas a inevitabilidade de querermos defender determinadas aplicações de conceitos no contexto da vida. Nesse caso, o conhecimento se faz necessário para o bom uso dessas palavras que fazemos questão de empregar. Por isso “a debilidade e incapacidade com relação ao necessário”, por causa da ignorância que se identifica no momento de usar essas palavras. A contemplação defendida por Epicteto serve para subsidiar esse uso.

Em Epicteto, termos como “bom” ou “justo” não são simplesmente conceitos criados, mas noções que os seres humanos naturalmente empregam. São as chamadas *prolēpseis*, cuja tradução pode ser *prenoções* ou *preconcepções*. O que importa para Epicteto é correta aplicação das *prolēpseis* aos casos particulares⁵, pois para realmente saber não basta apenas teorizá-las sob uma perspectiva geral, é preciso usá-las corretamente nas diversas situações da vida. Não que Epicteto despreze a teoria, seria um erro interpretá-lo assim; o que o filósofo quer dizer é que somente a teoria não basta para a assimilação filosófica, sendo necessário também seguir adiante e trazer o aprendizado teórico para as coisas da vida. Como ele afirma:

Então primeiro os filósofos exercitam-nos sobre as teorias, o que é mais fácil. Em seguida, nos conduzem às coisas mais difíceis. Pois, no primeiro caso, nenhuma resistência há em relação a seguir os ensinamentos; mas, sobre as coisas relativas à vida, muito é o que nos desvia. Assim, é ridículo quem diz desejar primeiro <aprender> as coisas relativas à vida, pois não é fácil começar pelo que é mais difícil.⁶

⁴ EPICTETO. *Diatribes*, II, 11, 5.

⁵ EPICTETO. *Diatribes*, II, 11, 4.

⁶ EPICTETO. *Diatribes*, I, 26, 3-4.

A teoria é importante, porém ela é só o primeiro passo na educação filosófica. Ela se dá primeiro por ser mais fácil, uma vez que ainda no plano teórico não se consideram os elementos de contexto que podem embaraçar os ensinamentos. O processo de aprendizado filosófico precisa também do passo seguinte, que é exercitar os ensinamentos nas coisas da vida. É justamente nas situações da vida que se pode perceber em que medida determinadas conclusões teorizadas realmente foram compreendidas, pois é nesse momento que de fato outras coisas acabam sendo implicadas. As dúvidas e as incertezas aparecem com muito mais intensidade quando as *prenoções* são aplicadas na prática, revelando assim quais questões ainda estão confusas. Para Epicteto, é no cotidiano que se encontra o principal desafio de aplicar bem as *prenoções*, é na particularidade de cada situação que a importância da filosofia se faz mais presente. Como ele diz:

“Então, quando ocorre o conflito? Quando se faz o ajuste das *prenoções* às substâncias particulares. Se alguém disser ‘Agiu belamente, é um homem corajoso’, <e outro replicar que> ‘Estava, porém, fora de si!’, neste momento ocorre o conflito dos homens uns com os outros”.⁷

Interior e exterior

De acordo com os estoicos, o bem está virtude, sendo ela que proporciona a felicidade. Epicteto segue esse ideal estoico, mas também contribui ao salientar a seguinte distinção: que a virtude só se faz presente nas coisas que são internas, tidas como encargos nossos (*eph' hēmin*), ao passo que as coisas externas, que não são encargos nossos (*ouk eph' hēmin*), não possuem relação com a virtude. Essa distinção tem relevância capital, pois é por meio dela que Epicteto demonstra a importância do desapego dos bens exteriores para se fazer filosofia. Tudo o que for externo, alheio à *proairesis* (escolha/preferência) não se relaciona com a virtude. Um desejo justo, um impulso corajoso e um assentimento correto não são coisas externas, alheias à nossa alçada, mas são coisas que estão sob nosso jugo, que dependem de nós⁸. As demais coisas são alheias, escapam do nosso controle, e estão sob a tutela do destino. O destino de cada um não é algo que depende de si, pois foge ao seu domínio, porém a forma

⁷ EPICTETO. *Diatribes*, I, 22, 1-5.

⁸ EPICTETO. *Encheiridion*, I.

como ele é vivido sim. E é justamente nesse ponto, segundo Epicteto, que se pode ver a importância da filosofia: na forma como se vive.

Uma pessoa pode viver lamentando sua sorte, ansiando por um determinado emprego, invejando os bens materiais de alguém, rejeitando determinada doença. Ou pode saber lidar bem com aquilo que a vida lhe dispôs, fazendo bem aquilo que depende de si. O filósofo, segundo Epicteto, é aquele que busca viver com sabedoria, que atenta para não se apegar às coisas externas porque sabe que isso o torna escravo do que está além de seu controle. Como diz Epicteto:

Mas agora, nós, podendo cuidar de uma única coisa e a uma única nos ligar, queremos antes de muitas cuidar e estar ligados a muitas: o corpo, as posses, o irmão, o amigo, o filho, o servo. Então, como estamos ligados a muitas coisas, ficamos sobrecarregados e somos arrastados por elas.⁹

O filósofo, portanto, deve procurar as coisas que lhe cabem, as interiores, sem se preocupar com posses, com aparência. As coisas alheias à *proairesis* são adornos, não são bens verdadeiros. Aquele que realmente quer ser um filósofo não se volta às coisas exteriores porque não quer se deixar levar por elas.

Sabendo do anseio de seus alunos em tornarem-se filósofos, Epicteto recomenda-lhes cuidar daquilo que realmente importa, sem se deixar levar pela aparência, pelo aspecto externo dos filósofos. Para ser filósofo é preciso purificar a si mesmo, o seu interior, a sua faculdade diretora (*hēgemonikon*)¹⁰. Como diz Hadot, é preciso converter-se ao modo de vida filosófico (no caso, o estoico), e essa conversão se faz por uma espécie de mudança na alma¹¹. É por isso que Epicteto reprova quem quer apenas imitar o aspecto exterior dos filósofos:

Mas, na verdade, não é mais que isto: atraídos pela filosofia, como os doentes do estômago por uma comida que pouco depois será vomitada, logo em seguida dirigem-se ao cetro, à realeza. Deixam crescer a barba, colocam um manto, mostram o ombro desnudo, discutem com os que encontram (...). Homem, observa teu impulso, que este não seja como o do doente do estômago ou como o de uma mulher com caprichos. Exercita-te primeiro em não se fazer conhecido o que tu és. Filosofia para ti um certo tempo. É assim que nasce o

⁹ EPICTETO. *Diatribes*, I, 1, 14-16.

¹⁰ DUHOT, 2006, p. 147.

¹¹ HADOT, 2014, p. 205-206

fruto. A semente, para ficar madura, deve ser enterrada um tempo, deve ficar oculta e crescer pouco a pouco.¹²

É interessante essa metáfora com a digestão, pois remete ao cuidado com aquilo que se consome. O simples consumo de materiais filosóficos não torna ninguém filósofo, é preciso assimilá-lo bem para que as ações depois correspondam ao que foi lido. Seria ingenuidade pensar que simplesmente adquirir informações em livros é suficiente para que se possa orientar a própria vida filosoficamente como fizeram Sócrates, Antístenes ou Zenão de Cítio. Eles viveram filosoficamente porque preocuparam-se com o próprio interior, levando uma vida simples com relação às coisas externas. Compreenderam que as coisas externas podem ser-lhes retiradas a qualquer momento e que depender delas é abdicar da própria liberdade, tornar-se escravo das circunstâncias.

De acordo com Epicteto, nem mesmo o fato de lidar bem com os argumentos possui relevância filosófica se não vier acompanhado pelo cuidado com as demais ações que dependem de nós, a saber, os impulsos e os desejos. Os impulsos não devem ser viciosos, não podem ocorrer passionalmente, mas devem ser harmônicos, como demandem as relações¹³. Nem os desejos devem se voltar para as coisas que não estão sob o domínio do próprio sujeito, pois é justamente assim que surgem as paixões, as desmesuras¹⁴. O talento no uso dos argumentos é importante, porém isso não é suficiente para tornar alguém um filósofo, visto que a argumentação vazia de atitudes é apenas um falar vazio, uma palavra morta que não necessariamente evidencia convicções. Como diz Epicteto:

Mas os filósofos de hoje, deixando o primeiro tópico [desejo] e o segundo [impulso], dedicam-se ao terceiro [assentimento]: argumentos equívocos, conclusivo por meio de perguntas e respostas, hipotéticos, mentirosos.

- É que - argumentas - uma vez que se está nessas matérias, é preciso salvar a infalibilidade. Quem? O homem bom e honrado. Então, é isso que te falta? O resto já foi trabalhado suficientemente? És infalível no restante? Se vês uma moça atraente, resistes à representação? Se teu vizinho recebe uma herança, não sentes inveja? Então, não te falta nada mais que a certeza do juízo? Infeliz, até mesmo nisso te vês tremendo e angustiado pelo desprezo de alguém, e perguntas se alguém está dizendo algo de ti.¹⁵

¹² EPICTETO. *Diatribes*, IV, 8, 34-36

¹³ EPICTETO. *Encheiridion*, XXX.

¹⁴ EPICTETO. *Diatribes*, III, 2, 3.

¹⁵ EPICTETO. *Diatribes*, III, 2, 6-9.

Para Epicteto, o cuidado com o que é interior está em três tópicos, a saber, (i) o desejo, (ii) o impulso e (iii) o assentimento. No trecho acima, ele se refere àqueles que somente se preocupam com o último, esquecendo-se dos outros dois. Nesse caso, fica evidente a observação de Epicteto quanto à insuficiência da lógica argumentativa para a filosofia. É preciso, portanto, progredir também nos outros dois tópicos para que o modo de vida filosófico realmente se evidencie.

O progresso

De acordo com os estoicos, a virtude não é um bem que se tem pouco ou muito. Ou se possui a virtude, ou não se possui. Ela não pode ser medida, não há mais ou menos virtude em alguém. Ela é substantiva, da mesma forma que uma mulher não fica mais ou menos grávida de um filho. Isso também ocorre com o oposto da virtude, que é o vício, sendo este considerado ausência de virtude. Cícero, para explicar essa relação estoica entre vício e virtude, utiliza o exemplo do afogamento na água: quando se está sem ar, basta estar imerso na água para se afogar, não importa se a pessoa está mais no fundo ou não¹⁶. Nesse caso, mesmo que a pessoa esteja perto da superfície, ainda ocorre o afogamento. Da mesma maneira acontece com o vício: se a pessoa está imersa no mar do vício, ainda que próxima à superfície, permanece sendo uma pessoa viciada. Portanto, não há uma pessoa mais ou menos viciada, há apenas o viciado e o virtuoso.

Nesse contexto, poder-se-ia questionar em que sentido o estoicismo contribui para uma ideia de progresso, uma vez que o vício não é passível de diminuição. No entanto, o que os estoicos demonstram não é que o indivíduo não possa se modificar, mas simplesmente que o vício e a virtude não deixam de ser o que são em função dos anseios individuais. O que é passível de ser “mais” ou “menos” não é o vício nem a virtude, mas a disposição¹⁷ do indivíduo para o vício e a virtude. O que interessa para o progresso, que é o caminho para a virtude, é uma disposição mantida no que é correto, uma firmeza de alma¹⁸ que não se deixa abalar por qualquer intempérie (como acontece com uma vara verde).

¹⁶ CÍCERO. *De Finibus bonorum et malorum*, III, 48.

¹⁷ EPICTETO. *Diatribes*, II, 18, 5-7.

¹⁸ ARNIM. *Stoicorum Veterum Fragmenta*, II, 510.

A ideia de progresso cumpre um papel fundamental para Epicteto. Segundo ele, o progresso filosófico se dá nas ações que dependem de nós (*eph' hēmin*). Como dito acima, o problema é quando se acredita que o progresso do filósofo acontece apenas por meio do aperfeiçoamento argumentativo ou pela capacidade de analisar discursos ou textos. É levando isso em consideração que Epicteto travou o seguinte diálogo com alguém que lhe ouvia:

Então me mostra aí o teu progresso. Do mesmo modo que, se eu dissesse a um atleta “Mostra-me tuas espáduas e teus braços”, e ele dissesse “Olha meus halteres”. Tu olharás teus halteres. Eu desejo ver o efeito dos halteres.

– Toma o tratado <intitulado> Sobre o Impulso e sabe como eu o li. Prisioneiro! Não busco <saber> isso, mas como usas o impulso e o refreamento, como usas o desejo e a repulsa, como te devotas, como te aplicas, como te preparas: <busco> saber se <ages> de modo harmonioso ou não harmonioso à natureza. Pois se <ages> de modo harmonioso, mostra-me isso e te direi que progrides. Porém, se não <ages> de modo harmonioso, vai e não só interpreta os livros, mas escreve também outros tais. Que vantagem há para ti? Não sabes que o livro inteiro custa cinco denários? Então te parece que o que interpreta o livro vale muito mais que cinco denários? Assim, jamais busquemos numa parte a obra e noutra o progresso!¹⁹

Assim como o progresso do atleta não está em seus instrumentos de ginástica, mas no seu desempenho, o progresso do filósofo não pode ser medido pelos livros que leu, muito menos por suas interpretações de textos filosóficos, mas pelo aprimoramento de suas próprias ações. A atividade filosófica, nesse caso, mostra-se útil, pois orienta o ser humano a harmonizar-se com o que é natural, tendo por objetivo a serenidade característica de quem vive com sabedoria.

Apesar de Epicteto relativizar a importância filosófica do cuidado com o tópico do assentimento em função dos outros dois - desejo e impulso -, isso não significa diminuir o papel que as opiniões exercem nas ações daquele que progride (*prokoptōn*). O tópico do assentimento, que Epicteto relaciona com a lógica e com a análise argumentativa, não é exclusivamente o âmbito pelo qual as opiniões atuam. Na verdade, o assentimento é uma das três ações humanas que envolvem opiniões, pois estas igualmente aparecem no desejo e no impulso. O ser humano, enquanto ser possuidor de *logos*, tem a capacidade de formular opiniões sobre as coisas que o cercam, e isso é o que lhe permite ser livre, inclusive através de seus desejos e impulsos. Na verdade, esses desejos e impulsos só podem ser ditos propriamente ações que estão sob nossa

¹⁹ EPICTETO. *Diatribes*, I, 4, 12-17.

responsabilidade porque são condicionados às nossas próprias opiniões. É nesse sentido que todo aquele que progride na filosofia é chamado a assumir sua responsabilidade, e não desviar sua atenção para coisas que não lhe dizem respeito. As ações que são *eph' hēmin* passam pelo filtro de nossas próprias opiniões, caso contrário não poderiam ser ditas nossas, mas causadas por algo externo, alheio.

O cuidado com as opiniões, portanto, não pode ser confundido com o cuidado com os argumentos. Melhorar a argumentação não corresponde a um progresso filosófico como um todo. Se de fato as demais ações não exprimirem uma conduta orientada para a virtude, é sinal que as opiniões não foram efetivamente colocadas à prova, ficando apenas no nível do discurso. É levando isso em consideração que Epicteto admoesta seus alunos para atentarem à real força das opiniões ao invés de se ocuparem em proferir belos discursos ou exortações de virtude:

Então, por que são eles [os ignorantes] mais fortes que vós? Porque eles dizem essas podridões como suas opiniões, enquanto que vós dizeis lindezas da boca para fora. Por isso são coisas mortas e sem força, e é de dar asco escutar vossos protrépticos e vossa infeliz virtude proclamada de cima a baixo. É dessa forma que os ignorantes vencem, porque a opinião é forte, a opinião é invencível. Até que esses bonitos conceitos fiquem firmes em vós e os façais com certa força, por segurança, aconselho-vos a condescender com os ignorantes com cautela.²⁰

Nesse trecho identificamos como Epicteto une o alto ideal da virtude com a humildade. Enquanto é preciso mirar a virtude de fato (não só por palavras), ao mesmo tempo é necessário ter consciência de que isso não se faz de uma hora para outra, sendo muitas vezes útil condescender com os ignorantes com cautela. Essa é a forma como se deve progredir na filosofia, incorporando-a pouco a pouco nas ações, tendo a consciência de que as opiniões de fato conduzem vida. Caso isso não ocorra, ficará até mesmo difícil afirmar que a filosofia serve realmente para alguma coisa²¹, pois será isso que o ignorante levará em consideração quando se deparar com quem trata a filosofia somente de forma superficial.

Teoria e prática

²⁰ EPICTETO, *Diatribes*, III, 16, 7-9.

²¹ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 8, 7-21.

Como afirmado anteriormente, Epicteto divide a formação filosófica em dois estágios, sendo o primeiro referente à teoria e o segundo às coisas da vida. Podemos notar que esse segundo estágio é o que estabelece a prática dos preceitos ensinados em teoria. Nesse aspecto Epicteto segue seu mestre Musônio Rufo, que igualmente ressalta a parte prática da filosofia, colocando-a como posterior à teoria. Como diz Musônio: “Por isso, é absolutamente necessário também que a prática siga o aprendizado dos conhecimentos que concernem a cada excelência, se importa advir-nos algo útil do conhecimento dela²².”

Para colocar em prática o que foi teorizado, Epicteto e os demais estoicos tinham em mente a importância de se fazer uma espécie de preparativo para as situações. É o que podemos chamar de *paraskeuē*, que pode ser traduzido por *preparação*, uma forma de equipar o ser humano para agir bem nas mais diversas situações que a vida exigirá²³. Da mesma maneira, para filósofo ficar preparado, devidamente equipado de acordo com os dotes que a natureza lhe deu - agir racionalmente, por exemplo -, é necessário que ele se exercite²⁴ em trazer constantemente a teoria para a prática.

O francês Pierre Hadot, conhecido por retomar o viés da filosofia antiga como modo de vida, tratou da filosofia epictetiana como um exemplo nesse sentido. Hadot também fez questão de mostrar como os ensinamentos de Epicteto possuem clara intenção prática por causa de seu viés ascético, usando inclusive o filósofo inúmeras vezes para exemplificar o que ele chamou de *exercícios espirituais* na filosofia antiga²⁵. Dentre os exercícios preconizados por Epicteto, podemos salientar alguns importantes como (i) a educação do desejo (para não desejar coisas que não dependem de nós) (ii) a visão das coisas por uma perspectiva cósmica, (iii) a atenção ao que depende de si no momento presente, (iv) o hábito em se guiar pelo que é racional, (v) o tornar evidente o que se escolhe/prefere nas situações (anamnese da *proairesis*) e (vi) o ato de dizer o que as coisas ou fatos realmente são²⁶. Dessa forma, portanto, pode-se dizer que Epicteto serve como uma importante referência na exaltação do caráter prático da filosofia.

De acordo com o Epicteto, outra estratégia para averiguar o quanto se está realmente preocupado com a filosofia é verificar como seria nossa postura quanto a uma incapacidade que não dependa de nós e quanto a uma que dependa. Se, por exemplo,

²² MUSÔNIO RUFO, *Diatribes*, VI, 15. (trad. Aldo Dinucci).

²³ DAVIDSON, 2014, p. 46.

²⁴ FOUCAULT, 2006, p. 394-395

²⁵ HADOT, 2014, p. 19-66.

²⁶ DA LUZ, 2018, no prelo.

ficarmos mais preocupados com uma deficiência física (que pode ser ocasionada involuntariamente) do que com nossos erros de juízo, então estaremos ainda distantes de uma postura efetivamente filosófica. É nesse sentido que podemos interpretar o seguinte trecho das *Diatribes*:

Então, quando desejares saber como és displicente sobre as coisas boas e más, e ansioso e apressado sobre as indiferentes, fixa tua atenção em tua atitude a respeito de tornar-te cego e ser enganado – e saberás que longe estás de como é preciso se dispor sobre as coisas boas e más.²⁷

De fato, essa parece ser uma forma simples e fácil de notar o quanto a filosofia se faz realmente presente. Cabe observar, porém, que se talvez seja possível dizer que os ensinamentos de Epicteto são aparentemente simples ou poucos, isso não necessariamente quer dizer que são fáceis de serem praticados. O que ele quer demonstrar é que o maior desafio para um filósofo não é exatamente se estender em uma grande gama de elocubrações e especulações, visto que o que importa, na verdade, é breve. É isso que se percebe na sequência do trecho citado acima, quando da resposta de seu aluno:

[Aluno]: Mas há precisão de muita preparação, muito esforço e muito aprendizado.

[Epicteto]: E então? Esperas que a melhor arte está para ser adquirida com pouco <esforço>? *Em verdade, o discurso principal dos filósofos é muitíssimo curto.* Se quiseres sabê-lo, lê os escritos de Zenão e verás. É, pois, longo dizer que “o fim é seguir os Deuses? E que a substância do bem é usar as representações como é preciso”? Diz: “Então o que é Deus e o que é a representação? E o que é a natureza particular e o que é a natureza do todo?” Agora, longo <tornou-se o discurso>.²⁸

Considerações finais

Para o filósofo de Nicópolis, mais que a interpretação ou a escritura de livros, a filosofia é uma postura, uma atitude. Ela se inicia pela percepção de debilidade perante as situações do cotidiano, quando se quer saber mais para suprir essa carência. A filosofia está na própria vida, acontece quando a vivenciamos, e progredir filosoficamente significa progredir na vida, nas próprias ações. Mais do que se ater a

²⁷ EPICTETO. *Diatribes*, I, 20, 12.

²⁸ EPICTETO. *Diatribes*, I, 20, 13-16.

uma análise argumentativa, a filosofia exige um compromisso efetivo, para além da superficialidade tanto das palavras quanto das aparências intelectuais. É preciso um envolvimento interior, um cuidado com as próprias opiniões, pois tudo depende delas.

Para falar sério sobre ética e lidar com as suas questões é preciso inevitavelmente voltar a atenção para as próprias ações das quais se é responsável, pois é isso que demonstra a genuína preocupação filosófica. Embora a ausência dessa atitude comprometida não impeça que se ensinem preceitos éticos, ela é um indicativo de que se está a proferir palavras sem força, provavelmente em função de alguma tola satisfação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNIM, H. von. *Stoicorum Veterum Fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1903-1905, v. 1-3, 1924, v. 4. (Índices por M. Adler).
- ARRIANO, F. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição Bilíngue. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- CÍCERO. As Últimas Fronteiras do Bem e do Mal. In: *Textos Filosóficos*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 245-526.
- DAVIDSON, C. Foucault on *askesis* in Epictetus: freedom through determination. In: GORDON, D. R.; SUITS, D. B. (ed.). *Epictetus: his continuing influence and contemporary relevance*. New York: RIT Press, 2014, p. 41-53.
- DA LUZ, D. *Exercícios Filosóficos em Epicteto. Intuitio*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2018. No prelo.
- DUHOT, J-J. *Epicteto e a sabedoria estoica*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2006.
- EPICTETO. Diatribe I. 1. In: DINUCCI, A. Apresentação e tradução da Diatribe 1.1 de Epicteto. *Archai*, n. 13, jul-dez, p. 143-157, 2014.
- EPICTETO. Diatribes I, 4 e I, 26. In: DINUCCI, A. Epicteto: cinco diatribes sobre progresso e arte de viver. *Peri*, v. 8, n. 2, p. 177-191, 2016.
- EPICTETO. Diatribes I, 20 e I, 22. In: DINUCCI, A. Cinco diatribes de Epicteto sobre razão e loucura. *Griot: revista de filosofia*, v. 14, n. 2, p. 469-490, 2016.
- EPICTETO. *Disertaciones por Arriano*. Tradução de Paloma Ortiz García. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

- EPICTETUS. *The Discourses as reported by Arrian, The Manual, and Fragments*. Tradução de W. A. Oldfather. Londres: Heinemann, 1961. v. 1.
- EPICTETUS. *The Discourses as reported by Arrian, The Manual, and Fragments*. Tradução de W. A. Oldfather. Londres: Heinemann, 1952. v. 2.
- EPICTETUS. *The Discourses of Epictetus, with the Enchiridion and Fragments*. Trad. G. Long. Londres: George Bell & Sons, 1877.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2 ed. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- HADOT, P. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flávio Fontenelle Loque, Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, Coleção Filosofia Atual, 2014.
- JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MUSÔNIO RUFO. Diatribe VI. In: DINUCCI, A. Diatribes 5 e 6 de Musônio Rufo: Sobre a relação entre teoria, hábito e exercício. *Anais de Filosofia Clássica*, v. 7, n. 14, p. 87-97, 2013.